



## EPICTETO E LIBERTAÇÃO

**Antonio Carlos de Oliveira Rodrigues**  
**Doutor em Filosofia pela PUC/SP**

**RESUMO:** O artigo apresenta dois roteiros interpretativos do teorema epictetiano. Um na linha hadotiana: o capítulo oitavo do Enquirídio seria a expressão da disciplina do desejo, cuja apropriação através de exercício ocasionaria as condições de desabrochamento da flor de *eurôia* na vida do praticante – o curso sereno. A outra chave de leitura do teorema – inesgotável fonte de sabedoria – é o de entendê-lo à guisa de ensinamento prático para a abolição de todas as escravaturas. O teorema poemático, ou o poema teoremático não se deixa reduzir a nenhum dos dois caminhos interpretativos, por serem muito estreitos para abraçar e conter o oceano de significados escondido em sua face singela e simples.

**PALAVRAS-CHAVE:** *euroia*, *theoremata*, *Enquirídio*, Epicteto, libertação.

**ABSTRACT:** The article presents two interpretative scripts of the epictetian theorem. On the hadotian line: the eighth Enchiridion chapter would be the expression of the desire's discipline, in which its appropriation through exercise leads to the blooming of the *eurôia* flower in its practitioner's life – the serene course. Another interpretative path of the theorem – inextinguishable source of wisdom – is to understand it through the guise of practical teaching towards the abolition of all slavery. The poetic theorem or theoretic poem doesn't resume itself to either one of the interpretative courses, for them being too narrow to embrace and contain the ocean of meanings hidden in its simple and modest face.

**KEYWORDS:** *euroia*, *theoremata*, *Enquirídio*, Epictetus, release.

*Não deseja que o que acontece aconteça como queres, mas queiras que o que acontece aconteça como acontece, e serás feliz<sup>1</sup>*

Avistei este aforismo pela primeira vez há, mais ou menos, dezesseis anos atrás ao consultar um livro de história da filosofia antiga que surpreendi esquecido na estante de um sebo.

O livro era o *O que é a filosofia antiga?*, escrito, todos sabemos, por Pierre Hadot. Fiquei sabendo através dele que o autor do gnoma em questão era o escravo alforriado de Epafrodito: Epicteto.

Naturalmente instigado pelo que se afirmava ali, muitas indagações surgiram, e uma das mais intensas era: que tipo de ontologia sustentaria tal asseveração? E pensava na possibilidade de existência de uma *ontologia da serenidade*.

Ali iniciara sem que eu houvesse me dado conta imediatamente, sem que eu estivesse plenamente consciente disso – meu projeto de mestrado que levei a cabo sob o título: “*Prohairesis*<sup>2</sup> e *Prónoia* no estoicismo de Epicteto”<sup>3</sup>.

Descobri toda uma filosofia por trás do aforismo.

Que a máxima fazia parte do *Enquirídio* e que este fora estruturado para ser um condutor do diálogo interior, porque na esteira do velho adágio *gnothi sauton*<sup>4</sup> – a heautognose como cuidado de si. O enquirídio descansa inteiro na crença arraigada de

---

<sup>1</sup> Μη ζητεί τὰ γινόμενα γίνεσθαι ὡς θέλεις, ἀλλὰ θέλε τὰ γινόμενα ὡς γίνεται καὶ εὐροήσεις. E.,8. Utilizo a sigla E para *Encheirídion* (Manual), e L para as Diatribes de Epicteto.

<sup>2</sup> *Prohairesis* é traduzido por Souilhé por pessoa moral. Nós preferimos traduzi-la pela expressão Hegemônico em ação. Sendo a *prohairesis* a faculdade de que faz uso o hegemônico para atuar sobre o desejo, a tendência e o assentimento, temos que ela representa o próprio hegemônico em ação. Ora, o hegemônico, como sabemos, é o princípio diretor da alma, a parte governante da *psykhe*, logo, a alma do homem compreendida em sentido volitivo-diretivo. Definir a *prohairesis* como ação do hegemônico não só nos parece o caminho natural de entendimento de sentido desta atividade extremamente importante para Epicteto, senão que também, no ponto de vista etimológico, é mais coerente do que a notória tradução do termo cometida por Joseph Souilhé. Se seguirmos o sufixo “sis” da palavra *prohaire(sis)* esse indicará “ação”, enquanto que o termo *pessoa moral* de Souilhé não representa imediata e necessariamente atividade.

<sup>3</sup> Antonio C. de O. Rodrigues. *Prohairesis e prónoia no Estoicismo de Epicteto*. Mestrado em Filosofia. Pucsp. São Paulo, 2007.

<sup>4</sup> A expressão aparece inteira numa passagem das lições com um adendo muito significativo: “por isso os antigos convocaram (os homens) para o conhece-te a ti mesmo. Que significa tudo isso afinal, pelos deuses! Exercitar começando das pequenas coisas e a partir delas passar em direção às maiores”. Lições, I, 18, 18. Saliento também o sentido ascético do conselho de sabedoria. Importa progredir. E todo aquele que progride, progride no tempo. Aqui cai por terra a ideia de tempo do antigo Pórtico.

que o discurso interior é o principal agente transformador das *disposições íntimas*<sup>5</sup>. Está enraizado fundamente no ideal de transformação pelo viés da autocompreensividade.

O traço da filiação de Epicteto e de seus seguidores a Sócrates – não se limita a isso somente.

Arriano não escreveu para outros<sup>6</sup>, escreveu para si mesmo, assim como o Antonino (*tá eis eautov* – as coisas para dentro de si próprio). Por simples respeito à palavra transformadora, por sério compromisso com a vivência dos princípios abraçados à laia de norteadores da conduta.

A palavra filosófica – as palavras da *hé philosophía* deviam ser convertidas em ações mediante a vida, repercutidas no dia a dia no caminho da existência. Por isso que naquele tempo o neófito é um “convertido”.

Assim como os carneiros conduzidos pelos pastores não exibem o quanto comeram, mas digerindo o que pastaram em seu interior, trazem ao exterior a lã e o leite, assim também não exibas os princípios teóricos aos que ignoram a filosofia, mas quando tais princípios forem digeridos por ti exibe as tuas obras<sup>7</sup>

Descobri que filosofar para esta *haíresis*, para esta escola, para esta *escolha de vida*, não tinha nada a ver com tecer comentários –longos comentários— sobre a *philosophía*, mas vivê-la, internalizando suas diretrizes de conduta no lugar mais fundo da alma, de modo que todo seu poder transformacional fosse liberado para promover a metamorfose no indivíduo, no *recém-plantado*, no neófito, gerando nele a liberdade, a felicidade.

Descobri também que atrás de cada filósofo escrevente da antiguidade houve aqueloutro, sempre maior do que este, e que nada escreveu. E eu acredito ser esta a tradição socrática por excelência.

Sócrates atrás de Platão.

Epicteto atrás de Arriano.

Amônia Sacas atrás de Plotino.

---

<sup>5</sup> “Se alguém entregasse teu corpo a quem chegasse, tu te irritarias. E por que entregas tua disposição íntima (gnome) a quem quer que apareça, para que, se ele te insultar, tua disposição íntima se inquiete e se confunda? Não te envergonhas por isso?” E.,28.

<sup>6</sup> Relendo recentemente a introdução da tradução do *Enquirídio* hadotiana – fiquei sabendo que Arriano escreveu para um amigo. No entanto, isso não muda sua intenção original de haver colhido os ensinamentos para si mesmo. Por isso continuo sustentando essa posição.

<sup>7</sup> E. 46.

Entendi até o porquê do caráter aforismático dos textos filosóficos do período helenístico da filosofia: preocupados com o “filosofar”, os caminheiros da sabedoria da época se empenharam em sintetizar em preceitos práticos, seus ensinamentos (*dogmas/theoremas*). Pois as fórmulas sintéticas ajudavam a memorizá-los para serem utilizados pelos “convertidos” a face dos contratempos e empecilhos que lhes surgiam no caminho.

A vista disso, a *hé philosophía* – não se pode deixar de notar - era para eles uma *arte de viver*, uma *tecnologia da vida*, e jamais especulação em torno do que quer que seja. Constitui-se essencialmente em um manancial de linhas reguladoras que traçam o modo de se proceder para se alcançar a plena liberdade para todos os que observem suas fórmulas de felicidade.

E como esta filosofia resgata parte da filosofia platônica – estriba-se no entendimento de que a autocompreensividade produz libertação espiritual<sup>8</sup>, libertação esta impossível de ser realizada sem uma arte de si mesmo, ou seja, sem uma *áskesis* de apropriação de si enraizada numa desapropriação de tudo o que há em torno a partir do corpo<sup>9</sup>.

A filosofia que desvelei por detrás do aforismo epictetiano revelou-se como uma *psicascética* – contudo, interpretei o aforismo, na época, a guisa de *caminho de apoderamento da serenidade*.

Hoje, no entanto, vejo-o de outra forma<sup>10</sup>.

A parte da máxima que Pierre Hadot verteu do grego para a perífrase “e serás feliz” é a tradução das palavras “καὶ εὐροήσεις”, segunda pessoa do singular do futuro do verbo *euroeo*, cujo significado é: ter um curso fácil, abundante, próspero<sup>11</sup> e que também pode significar “ser feliz”.

O verbo *euroeo* possui um parente próximo: a palavra *eurôia* – palavra esta, que para Epicteto, define a virtude por excelência. Nisso o escravo romano seguiu a Zenão de Cítio que ensinou, naquela faixa de tempo que antecedeu o Estoicismo romano, há

---

<sup>8</sup> Considero provado que a *kátharsis* fedônica foi incorporada à disciplina do desejo. Antonio C. de O. Rodrigues. *A áskesis de desapropriação epictetiana à luz da kátharsis do Fédon de Platão*. Doutorado em Filosofia. Pucsp. 2015.

<sup>9</sup> L., IV, 1, 69-76. Cito um exemplo apenas, mas existe um grande número deles nas *Lições de Epicteto*.

<sup>10</sup> Vejo-a assim hoje como uma ginástica espiritual de libertação através do desapego.

<sup>11</sup> Sugerir, num texto publicado pela *Prometeus*, que a palavra “próspero” seria talvez uma boa tradução do termo grego em questão: *Breves considerações sobre o capítulo 8 do Encheiridion de Epicteto e a Lâmpada de Barro cozido*. Antonio C. de O. Rodrigues. IN: *Prometeus*, filosofia em revista, julho de 2012

mais de trezentos anos, a *eurôia biou*, o fluir suave e livre da vida, o curso fácil no caminho; assim como as águas abundantes de um rio que seguem seu curso serenamente, aceitando em seu seio os detritos que se lhe são lançados, sem interromper a corrente que vai dar no grande mar. Antonino nos explica esta ideia central no Estoicismo com a metáfora da fonte:

Matam-te, espojam-te, perseguem-te com maldições? Que há nisso que impeça tua mente de conservar-se pura, sensata, prudente, justa? É como se alguém, parado junto duma fonte clara e doce, a insultasse: ela não deixaria de manar sua água boa de beber. Que lhe atire lama, estrume, que seja; ela prestes o dissolverá e lavará, sem tingir-se de modo algum. Como, pois, terás fonte inexaurível e não um poço? Cresce a todo momento em independência, com bondade, singeleza, recato.<sup>12</sup>

É impossível deixar de reconhecer, após a tradução de Souilhé da palavra *eurôia* para serenidade, sua importância na interpretação do aforismo; no entanto, verifica-se que há nessa máxima de sabedoria incomum uma proposta de autoaperfeiçoamento que, elevando em grau máximo o autodomínio, acaba por reduzir a conquista da serenidade a simples epifenômeno da *eleuthería*, da liberdade.

Explico. É que, para Epicteto, Sócrates, exemplo de *eurôia* para ele, não era livre por ser sereno, mas sereno por ser *eleútheros*, livre.

## A DISCIPLINA DO DESEJO

A ideia de desejo, para Epicteto, é sempre acompanhada de uma nuance de passividade. Trata-se daquilo que nos <<afeta>> e que nós desejamos obter ou, ao contrário, o que queremos evitar<sup>13</sup>

Diz-se que o aforismo “não desejes que o que acontece aconteça como queres, mas queiras que o que acontece aconteça como acontece, e serás feliz<sup>14</sup>” veio a ser a melhor tradução da *disciplina do desejo*<sup>15</sup>. Porque, para vivê-lo, para integrá-lo à sua

<sup>12</sup> As coisas para si mesmo, VIII, 51. Ser uma fonte inexaurível e não um poço!!!! Quanta sabedoria nesta pergunta.

<sup>13</sup> Pierre HADOT. *Le Manuel*, p.70. E o que nos “afeta” é aquilo pelo que nutrimos interesse. “interesse” tem relação estreita com o verbo (diafero), preferir.

<sup>14</sup> Μὴ ζήτει τὰ γινόμενα γίνεσθαι ὡς θέλεις, ἀλλὰ θέλε τὰ γινόμενα ὡς γίνεται καὶ εὐροΐσεις.

<sup>15</sup> São três os domínios a respeito dos quais o homem precisa se exercitar para se tornar bom e honrado, o a respeito ao ato de desejar e de evitar (*tas orekseis kai tas enkliseis*), para que não se veja frustrado em seus desejos nem venha a cair em volta do evitado; o relativo aos impulsos e

vida o estoico terá de absorver integralmente em seu caminho o preceito com que se inicia e se abre a filosofia epictetiana: *Se prender somente ao que está sob sua dependência, e tornar-se indiferente a tudo o que escapa a isso.*

Ora, Epicteto aconselha ao aprendiz de sabedoria estoica que não se demore a “apartar de si totalmente o desejo colocando-se por cima dele”<sup>16</sup>. O imperador filósofo repercute Epicteto nesta passagem dos *As coisas para si mesmo*: “abster-se completamente de desejos e nada evitar ante o uso das coisas que não dependem de nós”<sup>17</sup>.

Explico. Ao que parece, são basicamente três as faces do desejo para Epicteto. Pois não se pode falar em supressão do desejo sem se falar também em aversão. A aversão não deve ser usada em relação às coisas independentes da esfera de ação do caminhante de filosofia, simplesmente porque também é desejo, desejo de que não ocorram certos eventos que não *quer* ocorram. Tanto um como outro – desejo e aversão – se relacionam com aquela parte da vida diretamente relacionada às eventualidades. E estas com o “interesse”, e este com a piedade.

Os eventos, na medida em que visitam o homem no caminho da vida, afetam-no. Aí a terceira face do desejo para Epicteto. A referência de Hadot à tonalidade afetivo-passiva do desejo em Epicteto apenas reproduz o conceito de “paixão” do educador de Nicópolis: “Essa, pois, a origem do sofrimento (*pathos*, paixão), querer alguma coisa e não vir a ser<sup>18</sup>”, logo para ele, *paixão é querer*.

Nas Lições de Epicteto o verbo “*thélo*”, que significa “eu quero” – o querer –, aparece quatrocentos e vinte vezes, e o capítulo oitavo do enquirídio trata exatamente disso, de como o aprendiz de filosofia deve orientar seu “querer”.

---

repulsas (*tas hormas kai aphormas*) ou simplesmente o domínio da convivência (dever) para que atue em ordem, com reflexão, e sem negligência ou descuido; o terceiro é aquele que concerne à fuga do erro, à prudência do julgamento, em uma palavra o que se refere aos assentimentos (*tas sunkatatheseis*). Desses o mais importante e mais urgente é o concernente às paixões. Porque a paixão não vem a ser outra coisa, senão o desejo frustrado e a queda no evitado. (...) Esse (domínio de exercícios) é o que suporta inquietudes, turbações, infortúnios, desditas, padecimentos, lamentos, tristeza e pesar do bem alheio. O que faz invejosos e zelosos, coisas por cuja causa nem sequer somos capazes de escutar a razão.

<sup>16</sup> Lições de Epicteto, I, 4, 1-2.

<sup>17</sup> As coisas para si mesmo, XI, 37.

<sup>18</sup> Lições de Epicteto, I, 27, 11.

Porquanto um “querer” tão somente “afetivo” sói ser um querer fraco, caprichoso, e sempre insatisfeito - pura veleidade que pula de objeto a objeto sem jamais acomodar-se ao “bem” alcançado.<sup>19</sup>

Todas as paixões sobrevêm disso que nossos desejos permaneçam a maior parte do tempo insatisfeitos, então a orientação correta deles deve liberar da paixão fornecendo a calma interior, propiciando, assim, a tão almejada felicidade. Esse é para Epicteto o primeiro tema da *philosophía*, o mais urgente.

O ensinamento fundamental aí é o de fazer com que o ato de desejar não erre o alvo, e ao mesmo tempo, que o ato de evitar não caia em volta do evitado, vendo-se diante daquilo de que estava fugindo.

A compreensão correta da distinção entre o que nos é próprio e aquilo que nos é estranho implica, pois, *a submissão de nossa vontade ao curso dos eventos*. Quando queremos as coisas como são, sobre o pressuposto da separação das duas ordens de dependência, o que significa manter-se somente nas coisas que dependem de nós, o “querer” torna-se um querer forte, determinante e livre.

#### ACEITAÇÃO DO DESTINO

A este gênero de aporias que perturbam não somente o vulgar, mas até mesmo as gentes mais cultivadas, é preciso encontrar uma solução, se queremos que o discurso de Epicteto pareça sem reproches e o governo do mundo pelo deus demiurgo irrepreensível<sup>20</sup>

O comentário de Simplicio do oitavo capítulo do *Enquirídio* desde seu início se pauta na interpretação de tratar-se de um problema de teodicéia.

Como coordenar os eventos do mundo na perspectiva da existência de um governo justo e perfeito com as maldades que nele ocorrem? Ou seja, para haver aceitação de tudo aquilo que não depende de nós, é preciso que haja uma garantia de que esta parte da realidade esteja em boas mãos.

A *stoá* desde meados de sua fundação, ou se quisermos, desde sua refundação por Crisipo, escolheu o seguinte viés: as imperfeições do mundo fazem parte de sua

---

<sup>19</sup> Eu sempre quero o que não tenho. E normalmente não quero o que tenho. Esta a ciclotimia do desejo.

<sup>20</sup> Simplicius, *Commentaire sur Le Manuel d'Épictète*, p.77.

perfeição. Conforme Antonino: “a natureza converte, entrosa na ordem do destino, integra em si mesma como parte tudo que a obsta e contraria<sup>21</sup>”.

No *Enquirídio*, a noção está formulada assim: “a natureza do mal não existe no cosmos”. Segundo Epicteto: assim como um alvo não é colocado diante (para) errar o alvo, assim nenhuma brotação do mal vem a ser no mundo<sup>22</sup>.

“Não há alvo para os erros do tiro”, disse um filósofo. O erro pode até acontecer, mas não é o objetivo de ninguém<sup>23</sup>. Alguém poderia objetar: não é impossível acontecer de alguém não querer acertar, querer propositalmente errar. Sim. Mas esse seria o objetivo então. O objetivo de errar tornar-se-ia o objetivo a alcançar – o alvo.

A filosofia estoica é extremamente coerente.

Na estratégia de separação oferecida por Epicteto vê-se que à natureza é reservada a perfeição. Nas coisas sobre nós – os bens e males. Nas outras – os indiferentes – ou seja – venha o que vier, ele tem a convicção que virá pelas mãos da divindade, e por isso será aceito, assimilado e integrado à vida, sem delongas, nem queixas, sem gemidos ou lamentações.

Para se viver assim, segundo o que aconselha o aforismo há que *aprender a integrar o negativo*. Conforme Simplicio:

Ora é necessário, se não quisermos viver de uma maneira penosa, descontentes com o que nos acontece, ou que o Todo faça sempre aquilo que nos agrada, ou que nos contentemos com o que o Todo nos dê como parte nossa. Doutro modo é impossível que a vida transcorra serenamente<sup>24</sup>

## VIVER CONFORME A NATUREZA

O capítulo oitavo do *Enquirídio* é a expressão de uma das três disciplinas que encerram como um todo o fundamental da filosofia de Epicteto. O domínio a que se refere esta disciplina ou ascese é o do desejo. Esta ascese ou exercício espiritual possui intercurso estreito com as eventualidades da vida.

O homem comum, desavisado sobre os meandros do desejo naturalmente *quer* que tudo de melhor lhe aconteça, e por conta disso se torna infeliz. Epicteto propõe

<sup>21</sup> *As coisas para si mesmo*, VIII, 35.

<sup>22</sup> E. 27.

<sup>23</sup> Quando se visa o alvo, pode-se até errar. Por isso, quando miramos e não acertamos isso é reconhecido como erro – não um alvo. Nós nunca miramos o erro, miramos o alvo.

<sup>24</sup> Simplicius, p.77.



então a supressão do desejo por tudo aquilo que do homem não dependa. Eis para ele o caminho para a plena liberdade.

Dissemos que interpretamos o aforismo oitavo como um convite à *conquista da serenidade* em nosso mestrado. Na tese de doutorado passamos a entendê-lo a guisa de *proposta de libertação espiritual*.

Repercutindo Zenão – um dos fundadores do Pórtico – que defendia que era preciso *viver em conformidade com a natureza* – ensina a extinção dos desejos contrários à natureza (*contra-natura/pará physin*). Ora, é impossível viver segundo a natureza sem trabalhar em nós os apegos que nos prendem a tudo que nos rodeia.

*O cultivo do desapego* é um conselho de sabedoria antigo, muito antigo, que podemos remontar a Platão e particularmente a *seu* Sócrates. O apego aos outros e às coisas é totalmente incompatível com a aceitação do destino. Como ser feliz neste mundo sem saber lidar com as perdas? Lembremo-nos de que muito do que se afirma tanto no *Enquirídio* como nas *Lições de Epicteto* (Diatribes) está voltado ao tema das perdas ou das mudanças que ocorrem no caminho da vida.

Hoje em dia traduzo o gnoma genial de Epicteto assim: “não procures as coisas que vêm a ser como queres, quere as coisas que vêm a ser como vêm a ser e terás curso sereno”<sup>25</sup>.

E entendo-o para além do que queria Hadot. A meu ver, o gnoma mostra o sentido da liberdade para Epicteto, pois a *eleuthería* para ele era isto: saber querer cada acontecimento como ocorre, qual manifestação inequívoca do querer universal a nosso respeito.

Somente é livre aquele que acolhe serenamente a vida como ela se apresenta, e ela se apresenta naquilo que não depende de nós como situações entregues pela própria Razão universal.

Portanto, a liberdade é liberdade para se viver segundo a natureza como queria Zenão. E viver em conformidade com a natureza é aceitar incondicionalmente todos os eventos que não estão sob nosso controle.

Criton encontra Sócrates dormindo serenamente no cárcere no dia de sua execução. Sua serenidade, no ver de Epicteto, era proveniente da mais pura liberdade, liberdade esta construída na ascese diária a que o filósofo ateniense se submeteu durante toda a sua vida, que culminou num total desapego tanto das coisas como de pessoas.

---

<sup>25</sup>Μὴ ζῆται τὰ γινόμενα γίνεσθαι ὡς θέλεις, ἀλλὰ θέλε τὰ γινόμενα ὡς γίνεται καὶ εὐροήσεις. E.,8.

## A MORTE COMO PARTE DO PROCESSO DE SE VIVER CONFORME A NATUREZA

Uma vez nascidas as espigas, o grão é colhido. Não deveria sê-lo? Lutaria o trigo nascente para que não fosse ceifado? “As espigas não são absolutas de nascença” diz Epicteto, ou seja, desenvolvem-se, e parte do processo de seu desenvolvimento é serem ceifadas, pois não nasceram para ficar retidas na condição de simples espigas.

Este átimo de tempo, vive-o segundo a natureza e acaba sem revolta,  
como cairia a azeitona madura abençoando a terra que produziu a  
árvore que a gerou<sup>26</sup>

A filosofia ensina a viver e, ensinando a viver, prepara o homem para a morte, integrando-a naturalmente em seu caminho. É preciso como sempre seguir a natureza. Ninguém se põe a chorar porque a oliveira deu azeitonas.

O estoico, se não desdobra a perspectiva *post-mortem*, é porque a integra no seguimento natural da vida. A morte sendo natural, um dos desígnios da natureza, uma de suas leis, não necessita ser negada com seu prolongamento além-túmulo. Como faz parte da vida, deve ser aceita como tal. Seguir a natureza é aceitar o que o destino traz como traz e quando traz segundo os seus desígnios<sup>27</sup>.

A práxis filosófica torna-se então a edificação da vida sobre os alicerces do desprendimento cujo único objetivo é responder prontamente quando chamado a dissolver-se no todo.

Crisantes, sem embargo, quando estava a ponto de assestar o golpe no inimigo, ao ouvir que a trombeta tocava em retirada, se conteve, a tal ponto lhe pareceu mais conveniente seguir a ordem do capitão de retirada que sua própria intenção<sup>28</sup>.

---

<sup>26</sup> IV, 48. Tudo que acontece é tão corriqueiro e conhecido como a rosa na primavera e as frutas no verão; assim a doença, a morte, a calúnia, a insídia e tudo mais que alegra ou aflige os estultos. IV, 44. Lembra-te de que fica tão mal estranhar que a figueira dê figos, como o que o mundo dê frutos de que é produtor. Igualmente ao médico e ao piloto fica mal estranharem que alguém tenha febre ou que um vento sopra contrário. VIII, 15.

<sup>27</sup> Convém a cada um, o que a natureza de todos (*he ton holon physis*)<sup>27</sup> porta a cada um, e convém naquele tempo quando (aquela *physis*) porta. Συμφέρει ἑκάστῳ ὃ φέρει ἑκάστῳ ἢ τῶν ὄλων φύσις, καὶ τότε συμφέρει ὅτε ἐκείνη φέρει. As coisas para si mesmo, X, 20.

<sup>28</sup> Semelhante em *Enquiridio* 7 – “Em uma viagem marítima, se saíres para fazer provisão de água quando o navio estiver ancorado, poderás também pegar uma conchinha e um peixinho pelo caminho. Mas é preciso que mantendas o pensamento fixo sobre o navio, voltando-te continuamente. Que jamais o piloto te chame. E se te chamar, abandona tudo para que não sejas

A morte somente é integrada à vida quando os interesses materiais cedem lugar ao espiritual. Tem-se de viver segundo as leis do espírito a fim de que a vida seja capaz de absorver completamente a morte. É preciso juntar a morte à vida, porque quanto mais estiverem separadas, mais forte a ilusão.

A questão filosófica essencial está no problema da morte, em como enfrentá-la, em como “vivenciá-la” em nós ou naqueles seres que nos compartilham a existência. *E ninguém aprende a morrer, morrendo, mas vivendo.* Por isso que onde brilha a luz do conhecimento filosófico a vida aprende a abrigar a morte, a fazê-la sua amiga. Seja no Estoicismo, no epicurismo ou no platonismo, tanto faz.

O que se deve ter em vista é o tipo de resposta ao problema da morte que o Estoicismo ofereceu aos homens de seu tempo. Não morrer para o homem seria uma maldição! E nunca se viu alguém chorar quando nascem as espigas de trigo.

A hora da morte pode ser incorporada naturalmente à vida, uma vez observada a prática diária constante e jamais negligenciada dos *exercícios espirituais*. A ascese do desejo constitui treinamento específico que prepara o desligamento, a desconexão da alma com toda espécie de haveres materiais, haja vista que concentra todas as atividades do espírito no próprio espírito.

Logo, o discípulo que observa na vida diária tal procedimento edifica o próprio caminho de libertação. A liberdade assim conquistada é aquela liberdade oriunda do mais alto recurso de autodomínio que é a sublime identificação com a “vontade” da natureza, com aquele “outro” a quem se referiu tantas vezes Epicteto.

Eu atei meu impulso para ação à divindade. Ela quer que eu tenha febre, eu também quero. Ela quer que meu impulso vá por tal direção, eu também quero. Ela quer que eu tenha tal desejo, eu também quero. Ela não quer que eu obtenha tal coisa, eu também não quero. Ela não quer, eu também não quero. Então, eu quero morrer, então eu quero sofrer tortura [...] Que quer dizer se atar à divindade? – É querer aquilo que a divindade quer e não querer o que ela não quer. Como acontece isso? – Como, a não ser considerando as ações da divindade e seu governo?<sup>29</sup>

---

lançado ao navio amarrado como as ovelhas. Assim também é na vida. Não será um obstáculo se ela te der, ao invés de uma conchinha e um peixinho, uma mulherzinha e um filhinho. Mas se o capitão te chamar, corre para o navio, abandonando tudo, sem te voltares para trás. E se fores velho, nunca te afastes muito do navio, para que, um dia, quando o piloto te chamar, não fiques para trás”.

<sup>29</sup> L., IV, 1, 89-90 e 99-100.

## REFERÊNCIAS

- EPICTETO. *As Diatribes de Epicteto, livro I*. Tradução do grego: doutor Aldo Dinucci. São Cristóvão: Viva Vox, 2015. Obra não publicada.
- CHRYSIPPE. *Oeuvre Philosophique*. Textes traduits et commentés par Richard Dufour. Paris: Les Belles Lettres, 2004. Edição bilingue em II Volumes, 1435 páginas.
- GARCÍA, Ortiz Paloma. *Epicteto: disertaciones por Arriano*. Traducción, introducción y notas de Paloma Ortiz García. Madrid: Editorial Gredos, 1993.
- HADOT, Pierre. *Manuel d'Épictète*. Introduction, traduction et notes par Pierre Hadot. Paris: Librairie Générale Française, 2000.
- Introduction aux "Pensées" de Marc Aurèle: la Citadelle Intérieure*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1992 et 1997.
- JAGU, Amand. *Épictète et Platon (Essai sur les relations du Stoïcisme et du Platonisme à propos de la Morale des Entretiens)*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1946.
- O Encheiridion de Epicteto*. Tradução do grego: doutor Aldo Dinucci; São Cristóvão: Viva Vox, 2012. Edição bilingue português/grego.
- O. Rodrigues, Antonio Carlos. *A áskesis de desapropriação epictetiana à luz da katharsis do Fédon de Platão*. 2015. 117 p. Tese (doutorado em filosofia) Pucsp.
- O. Rodrigues, Antonio Carlos. *Proháresis e Prónoia no Estoicismo de Epicteto*. 2007. 187 p. (dissertação de mestrado em filosofia) Pucsp.
- SIMPLICIUS. *Commentaire sur Le Manuel d'Épictète*. Texte établi et traduit par Ilsetraut Hadot. Paris: Belles Lettres, 2003.